

# O silêncio em tempos de pandemia<sup>1</sup>

---

Beatriz Oliveira

## Resumo

O presente trabalho procura refletir sobre quais foram alguns efeitos para sujeitos crianças durante a pandemia do coronavírus. Tanto o convívio familiar constante quanto a angústia diante das notícias de doença e morte tiveram consequências, levando muitas crianças a apresentarem sintomas que antes não haviam aparecido. Tais consequências não acometeram apenas as crianças, mas a especificidade de esses sujeitos ficarem submetidos aos cuidados do outro implicou formas sintomáticas de expressar seu incômodo e mal-estar quando não conseguiram usar a palavra para serem escutados.

## Palavras-chave:

Psicanálise; Criança; Pandemia.

## Silence in times of pandemic

## Abstract

This work seeks to reflect on some of the effects on children during the Coronavirus pandemic. Both the constant family life and the anguish faced with the news of illness and death had consequences, leading many children to present symptoms that had not appeared before. Such consequences did not only affect children, but the specificity of these subjects being subjected to the care of others, resulted in symptomatic ways of expressing their discomfort and discomfort when they were unable to speak to be heard.

## Keywords:

Psychoanalysis; Child; Pandemic.

---

1 Este texto foi apresentado em Buenos Aires, na Jornada da Rede de Psicanálise com Crianças e Adolescentes, em nome da Rede de Pesquisa de Psicanálise e Infância do Fórum do Campo Lacaniano de São Paulo (FCL-SP), na ocasião do VII Encontro Internacional dos Fóruns do Campo Lacaniano, em julho de 2022.

## Silêncio en tiempos de pandemia

### Resumen

Este trabajo busca reflexionar sobre algunos de los efectos en los niños durante la pandemia del Coronavirus. Tanto la constante convivencia familiar como la angustia ante la noticia de la enfermedad y la muerte tuvieron consecuencias, llevando a muchos niños a presentar síntomas que antes no habían aparecido. Tales consecuencias no afectaron sólo a los niños, sino que la especificidad de que estos sujetos estuvieran sujetos al cuidado de otros, resultó en formas sintomáticas de expresar su malestar y malestar cuando no podían hablar para ser escuchados.

### Palabras clave:

Psicoanálisis; Niño; Pandemia.

## Le silence en temps de pandémie

### Résumé

Ce travail cherche à réfléchir sur certains des effets sur les enfants pendant la pandémie de Coronavirus. La vie familiale constante et l'angoisse face à l'annonce de la maladie et de la mort ont eu des conséquences, conduisant de nombreux enfants à présenter des symptômes qui n'étaient pas apparus auparavant. De telles conséquences n'affectaient pas seulement les enfants, mais la spécificité de ces sujets soumis aux soins d'autrui, aboutissait à des manières symptomatiques d'exprimer leur malaise et leur inconfort lorsqu'ils étaient incapables de parler pour être entendus.

### Mots-clés :

Psychanalyse ; Enfant ; Pandémie.

“Tia, fala-me: tenho medo porque está muito escuro”

E a tia lhe provoca:

“E o que ganha com isso? Ainda assim não pode me ver”

À qual respondeu o menino de três anos:

“Não importa, há mais luz quando alguém fala”

(Freud, 1905/1980, p. 204)

Retomo essa citação de Freud neste momento porque me parece fundamental para tratar da questão que gostaria de destacar neste debate: o silêncio que gritou

na pandemia. O silêncio da morte, o silêncio da violência, o silêncio das ruas, o silêncio da fome. O silêncio diante do horror. Um horror que amortece e amordaça os sujeitos, deixando-os sem palavras. Qual o nome de cada uma das crianças que silenciaram porque morreram após dias de tortura e violência sofridas? Seja a violência doméstica, seja a da fome, seja a do vírus, seja a do desamparo.

Sabemos que uma criança é, antes de mais nada, um sujeito falado e, portanto, falante para a psicanálise. Desde muito cedo será pelo ato de entrada na linguagem que sua posição desejante se apresentará, apesar de sua condição de assujeitamento aos cuidados do outro como possibilidade de sobrevivência que a colocam no lugar de objeto para o desejo do outro. Ora, não por acaso será por seus atos de fala (entendendo aqui todas as manifestações de linguagem aí envolvidas, mesmo no caso de crianças que não falem ainda) que teremos notícias de como essa criança está se virando no laço com o outro.

Ora, o que as diferencia de um adulto? Do ponto de vista de sua condição psíquica desejante, para a psicanálise estes são iguais. A diferença está em sua falta de autonomia, o que as coloca ora à mercê dos caprichos do outro, ora à mercê do anonimato do desejo do outro, quando este outro não a considera também como um sujeito, ainda que ela assim se posicione. Nesse sentido, qual seu recurso? Que tomem a palavra e possam falar por si, da maneira que conseguirem, para que seus sintomas deixem de representá-las para o outro. Apenas dessa maneira as crianças encontrarão o lugar que lhes é próprio: de sujeitos desejantes.

Quero trazer algumas questões que pensamos nesses tempos de pandemia a partir das queixas que temos recebido em nossas clínicas. Seria a pandemia responsável pelo desencadeamento de sintomas que talvez antes não apareciam? É possível, pois atualmente não faltam motivos para a eclosão de muito mal-estar. Levanto aqui algumas vias de reflexão.

## **A angústia latente da morte**

Mais de 4 mil mortos diários foi o número com que tivemos que lidar na pandemia do coronavírus no Brasil. Não foram poucas as crianças que falaram do medo de que seus pais ou avós se contaminassem e morressem, assim como não foi pequeno o número de casos de sujeitos angustiados, sem perspectivas de vida: o Real escancarou o quanto não temos palavras para fazer borda a uma experiência tamanha de impotência e vulnerabilidade. É comum a civilização buscar formas de governo que sirvam de anteparo à barbárie para ajudar a suportar o mal-estar coletivo. O presidente do Brasil em vigência nesses tempos nos deixou à mercê não só do vírus, mas de um governo que, longe de encontrar recursos para barrar a propagação do horror, fez desse mesmo horror propaganda de sua política de extermínio. Um extermínio pelo vírus e por uma política econômica que aumentou barbaramente a fome e a miséria no país.

A falta simbólica diante do horror gera angústia e nos lança de maneira imediata no abismo do desamparo. É nessa esteira que cresce o silêncio, uma ausência de palavra que leva o sujeito à impotência de desejo. Nesse sentido, tanto crianças como adultos estão à mercê do lugar de objeto desse horror. O sintoma, nesses casos, é a saída menos nefasta. Não por acaso muitas crianças ficam tão inquietas e com seus atos encontram o grito que se torna um apelo ao outro.

## **A presença maciça do olhar do outro**

O que os olhos não veem, o coração não sente, costuma-se dizer. A presença constante das crianças em casa junto com os pais forçosamente foi fazendo com que estes enxergassem aquilo que eles mesmos produziram: filhos. E os corações sentiram... e muitas vezes explodiram. Se, por um lado, algumas relações entre pais e filhos encontraram formas de convívio que lhes pareceram até mais tranquilas, fortalecendo laços afetivos, por outro pudemos acompanhar na clínica o pedido de ajuda de vários pais, sem saber como lidar com seus filhos, cujos sintomas eclodiram a partir desse novo contexto: fobias, agressões, recusas, tristezas.

Com trabalho e escola dentro de casa, os pais passaram a ver de perto, constantemente, como seus filhos comiam, a que horas dormiam, acordavam, se divertiam e estudavam. Quando estes estavam na escola presencialmente ou os pais trabalhando fora, havia privacidade e uma distância ainda que forçada. Não que já não surgissem sintomas, mas queria me debruçar sobre a especificidade desse tempo estendido de convívio durante a pandemia.

Com Freud, sabemos dos efeitos nefastos das identificações nos grupos, principalmente quando estes tendem a colocar seus ideais no comando. Tais ideais buscam apagar as diferenças subjetivas, em prol de um pensamento único, levando ao aumento de tensão e mal-estar entre seus integrantes. Ora, essa não poderia ser uma das vias para pensarmos quais as consequências de um aumento de mal-estar em alguns grupos familiares? Esse olhar constantemente presente dos pais com seus ideais de educação, de aprendizagem ou mesmo de relação social se impondo sobre seus filhos parece cercar aquilo que as crianças mais necessitam: a separação do Outro parental para encontrar no laço social um lugar de alteridade e diferença, no qual se torna necessário que esses sujeitos ditos crianças falem por si.

Essa é a prova de que a escola tem uma função subjetiva fundamental: o laço social que a convivência implica é condição de aprendizagem. É dessa convivência, corpo a corpo que advém a brincadeira, a troca, o saber fazer com o corpo, com o outro e tudo aquilo que isso provoca também como desconforto, diferença, mal-entendido e mal-estar. É nesse laço com outros que o sujeito criança encontra espaço para realizar essa passagem necessária entre aquilo que ele foi para seus pais como objeto de desejo e o que pode vir a ser como sujeito desejante.

Não foi por acaso que a presença familiar, ao mesmo tempo que fortaleceu alguns laços, pulverizou outros tantos, seja com separações, depressões ou mesmo atos violentos, que revelam o impossível dessa convivência em certos casos.

## A imersão virtual a que chegamos

Tudo passou a ser *online*. Será que temos alguma pista dos efeitos desse mundo virtual pelo qual temos mantido nossos laços? Não temos dúvidas de que foi uma ferramenta fundamental para não sucumbirmos aos monólogos e solilóquios. Mas faço o exercício radical de imaginar uma criança conversando com seus pais apenas pela internet, brincando e aprendendo apenas pela tela, sem interação corporal desde muito pequena. Quais poderiam ser os efeitos da ausência do contato com o corpo nessa transmissão? Um silêncio de afeto?

É fato que há crianças que dependem mais do apoio do corpo e dos objetos do analista para fabricar seu território, até que consigam se dizer por meio de suas fantasias e construções significantes, sem que a presença efetiva do outro seja necessária. Daí a dificuldade dos analistas de fazerem atendimentos de crianças muito pequenas *online*: é necessário brincar para fantasiar, e essa brincadeira faz com que o corpo pulsional esteja ali presente, na circulação entre palavra e libido.

Ora, quais serão os efeitos desses laços virtuais para as crianças, dessas trocas *online*? Não sabemos, mas podemos afirmar que não será sem consequências. Isso é o que alguns pais vêm se queixar atualmente: a dificuldade de seus filhos de ficarem “parados” na frente da tela para ter aulas. Há um tanto pulsional que não se domestica, que não se deixa apaziguar, que resiste à civilização e que precisa de outras formas de circulação como nos ensinou Freud em “Além do princípio do prazer”.

Diante desse cenário que vivemos, entendemos que se torna “mais ainda” fundamental a sustentação da psicanálise: para que a peste inaugurada por Freud permita ao sujeito resistir àquilo que faz o desejo silenciar e encontre formas criativas de gozar do fato de se estar ainda vivo. Como disse a criança de Freud: há mais luz quando alguém fala.

## Referência bibliográfica

Freud, S. (1980). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In S. Freud. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. VII). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1905)

**Recebido:** 01/07/2022

**Aprovado:** 15/07/2022